

TRADUÇÕES

VERA LÚCIA DE OLIVEIRA*

OITO POEMAS DE LÊDO IVO EM ITALIANO**

LÊDO IVO

A INFÂNCIA REDIMIDA

A alegria, crio-a agora neste poema.

Embora seja trágica e íntima da morte
a vida é um reino – a vida é o nosso reino
não obstante o terror, o êxtase e o milagre.

Como te sonhei, Poesia! não como te sonharam...

Escondo-me no bosque da linguagem, corro em salas de espelhos.
Estou sempre ao alcance de tudo, cheio de orgulho
porque o Anjo me segue a qualquer parte.

Tenho um ritmo longo demais para louvar-te, Poesia.
Maior, porém, era a beira da praia de minha cidade
onde, menino, inventei navios antes de tê-los visto.
Maior ainda era o mar

diante do qual todas as tardes eu recitava poemas,
festejando-o com os olhos rasos d'água e às vezes sorrindo de paixão,
porque grande coisa é descobrir-se o mar, vê-lo existir no mundo.
Ó mar de minha infância, maior que o mar de Homero.

Brinco de esconder-me de Deus, compactuo com as fadas
e com este ar de jogral mantenho querelas com a morte.

* Università degli Studi di Perugia, Perùgia, Itália.
E-mail: vera@veraluciadeoliveira.it

** Esta seleta integra a seguinte tradução para o italiano de poemas de Lêdo Ivo: Ivo, Lêdo. *Illuminazioni*. A cura di Vera Lúcia de Oliveira. Salerno: Multimedia Edizioni, 2001.

Depois do outro lado, há sempre um novo outro lado a conquistar-se...
Por isso te amo, Poesia, a ti que vens chamar-me para
[as califórnicas da vida.
Não és senão um sonho de infância, um mar visto em palavras.

L'INFANZIA RISCATTATA

La gioia, la creo ora in questa poesia.

Sebbene sia tragica e intima della morte
la vita è un regno – la vita è il nostro regno
nonostante il terrore, l'estasi e il miracolo.

Come ti ho sognata, Poesia! non come ti sognarono...

Mi nascondo nel bosco del linguaggio, corro dentro stanze di specchi.
Sono sempre a portata di tutto, pieno di orgoglio
perché l'Angelo mi segue ovunque.

Ho un ritmo troppo lungo per lodarti, Poesia.
Più lungo, però, era il lungomare della mia città
dove, bambino, ho inventato le navi prima di averle viste.
Più grande ancora era il mare

dinnanzi al quale tutti i pomeriggi io recitavo poesie,
festeggiandolo con gli occhi pieni di lacrime e sorridendo
[a volte di passione,
perché grande cosa è scoprire il mare, vederlo esistere nel mondo.
O mare della mia infanzia, più grande del mare di Omero.

Gioco a nascondino con Dio, mi alleo con le fate
e con quest'aria da giullare duello con la morte.
Dopo l'altro lato, c'è sempre un nuovo lato da conquistare...
Per questo ti amo, Poesia, tu che mi vieni a chiamare per
[le californie della vita.
Non sei altro che un sogno d'infanzia, un mare visto in parole.

* * *

PLANTA DE MACEIÓ

O vento do mar rói as casas e os homens.
Do nascimento à morte, os que moram aqui
andam sempre cobertos por leve mortalha
de mormaço e salsugem. Os dentes do mar
mordem, dia e noite, os que não procuraram
esconder-se no ventre dos navios
e se deixam sugar por um sol de areia.
Penetrada nas pedras, a maresia
cresta o pelo dos ratos perdulários
que, nos esgotos, ouvem o vômito escuro
do oceano esvaído em bolsões de mangue
e sonham os celeiros dos porões dos cargueiros.
Foi aqui que nasci, onde a luz do farol
cega a noite dos homens e desbota as corujas.
A ventania lambe as dragas podres,
entra pelas persianas das casas sufocadas
e escalavra as dunas mortuárias
onde os beiços dos mortos bebem o mar.
Mesmo os que se amam nesta terra de ódios
são sempre separados pela brisa
que semeia a insônia nas lacraias
e adultera a fretagem dos navios.
Este é o meu lugar, entranhado em meu sangue
como a lama no fundo da noite lacustre.
E por mais que me afaste, estarei sempre aqui
e serei este vento e a luz do farol,
e minha morte vive na cioba encurralada.

PIANTA DI MACEIÓ

Il vento del mare rode le case e gli uomini.
Dalla nascita alla morte, coloro che abitano qui
vanno sempre coperti da un leggero lenzuolo funebre
di afa e salsedine. I denti del mare
mordono, giorno e notte, quelli che non si sono

nascosti nel ventre delle navi
e si lasciano prosciugare da un sole di sabbia.
Penetrato nelle pietre, l'odore di mare
brucia il pelo dei topi avidi
che, nelle fogne, odono il vomito scuro
dell'oceano disperso negli anfratti di palude
e sognano i granai delle stive dei mercantili.
È qui che sono nato, dove la luce del faro
acceca la notte degli uomini e offusca le civette.
Il vento forte lambisce le draghe imputridite,
entra fra le persiane delle case soffocate
e sgretola le dune mortuarie
da cui le labbra dei morti bevono il mare.
Persino coloro che si amano in questa terra di odi
sono sempre separati dalla brezza
che semina l'insonnia nei millepiedi
e adultera il noleggio delle navi.
È questo il mio posto, penetrato nel mio sangue
come il fango in fondo alla notte lacustre.
E per quanto mi allontani, sarò sempre qui
e sarò questo vento e la luce del faro,
e la mia morte vive nella *cioba* braccata.

* * *

O CEMITÉRIO DOS NAVIOS

Aqui os navios se escondem para morrer.

Nos porões vazios, só ficaram os ratos
à espera da impossível ressurreição.

E do esplendor do mundo sequer restou
o zarcão dos beiços do tempo.

O vento raspa as letras
dos nomes que os meninos soletravam.

A noite canina lambe
as cordoalhas esfarinhadas
sob o voo das gaivotas estridentes
que, no cio, se juntam no fundo da baía.
Clareando madeiras podres e águas estagnadas,
o dia, com o seu olho cego, devora o gancho
que marca no casco as cicatrizes
do portaló que era um degrau do universo.
E a tarde prenhe de estrelas
inclina-se sobre a cabine onde, antigamente,
um casal aturdido pelo amor mais carnal
erguia no silêncio negras paliçadas.
Ó navios perdidos, velhos surdos
que, dormitando, escutam os seus próprios apitos
varando a neblina, no porto onde os barcos
eram como um rebanho atravessando a treva!

IL CIMITERO DELLE NAVI

Qui le navi si nascondono per morire.
Nelle stive vuote sono restati solo i topi
in attesa dell'impossibile resurrezione.
E dello splendore del mondo nemmeno il minio
è rimasto delle labbra del tempo.
Il vento raschia le lettere
dei nomi che i bambini sillabavano.
La notte canina lambisce
i cordami sbriciolati
sotto il volo dei gabbiani stridenti
che, in calore, si uniscono in fondo alla baia.
Illuminando legni marci e acque stagnanti,

il giorno, con il suo occhio cieco, divora il gancio
che segna nello scafo le cicatrici
del portellone che era un gradino dell'universo.

E la sera densa di stelle
s'inchina sulla cabina dove, un tempo,
una coppia stordita dal più carnale amore
erigeva nel silenzio nere palizzate.

O navi perdute, vecchie sorde
che, sonnecchiando, ascoltano i propri fischi
che fendono la nebbia, nel porto dove le barche
erano come un gregge che attraversava la tenebra!

* * *

A VISITA DO LENHADOR

Abres a porta e entras.
Trazes o frio do mundo
das folhas caídas no chão
da lama e do estrume unidos
no fundo da tarde escurecida.
Trazes o cheiro das madeiras
molhadas pelas chuvas repetidas
e o silêncio das colmeias abandonadas
pelas abelhas migradoras.
E o frio que trazas aquece a cozinha
como se fosse uma fogueira.

LA VISITA DEL TAGLIALEGNA

Apri la porta ed entri.
Porti il freddo del mondo
delle foglie cadute a terra
del fango e del letame mischiati

nel fondo del pomeriggio buio.
Porti l'odore dei legni
bagnati dalle piogge ripetute
e il silenzio degli alveari abbandonati
dalle api migratrici.
E il freddo che porti riscalda la cucina
come se fosse un falò.

* * *

O JUMENTO

No alto da crestada ribanceira
pasta o jumento. Seus grandes dentes amarelos
tritiram o capim seco que restou
de tanta primavera.
A terra é escura. No céu inteiramente azul
o sol lança os fulgores que aquecem
tomates, alcachofras e berinjelas.
O jumento contempla o dia trêmulo
de tanta claridade
e emite um relincho, seu tributo
à beleza do universo.

L'ASINO

Sopra l'arso pendio
pascola l'asino. I suoi grandi denti gialli
tritirano l'erba secca rimasta
da tanta primavera.
La terra è scura. Nel cielo interamente azzurro
il sole lancia fulgori che riscaldano
pomodori, carciofi e melanzane.
L'asino contempla il giorno tremulo
dal tanto chiarore
ed emette un raglio, il suo tributo
alla bellezza dell'universo.

* * *

ASILO SANTA LEOPOLDINA

Todos os dias volto a Maceió.

Chego nos navios desaparecidos, nos trens sedentos,
[nos aviões cegos que só
[aterrizam ao anoitecer.

Nos coretos das praças brancas passeiam caranguejos.

Entre as pedras das ruas escorrem rios de açúcar
fluindo docemente dos sacos armazenados nos trapiches
e clareiam o sangue velho dos assassinados.

Assim que desembarco tomo o caminho do hospício.

Na cidade em que meus ancestrais repousam em cemitérios marinhos
só os loucos de minha infância continuam vivos e à minha espera.

Todos me reconhecem e me saúdam com grunhidos
e gestos obscenos ou espalhafatosos.

Perto, no quartel, a corneta que chia
separa o pôr do sol da noite estrelada.

Os loucos langorosos dançam e cantam entre as grades.

Aleluia! Aleluia! Além da piedade

a ordem do mundo fulge como uma espada.

E o vento do mar oceano enche os meus olhos de lágrimas.

OSPIZIO SANTA LEOPOLDINA

Tutti i giorni ritorno a Maceió.

Arrivo sulle navi scomparse, sui treni assetati,
[sugli aerei ciechi che atterrano
[solo all'imbrunire.

Nei chiostrì delle piazze bianche passeggiano granchi.

Fra le pietre delle strade scorrono fiumi di zucchero
che fluiscono dolcemente dai sacchi immagazzinati nel porto
e schiariscono il sangue vecchio degli assassinati.

Appena sbarco prendo la strada del manicomio.

Nella città in cui i miei antenati riposano in cimiteri marini

solo i matti della mia infanzia sono vivi e mi aspettano.
Tutti mi riconoscono e mi salutano con grugniti
e gesti osceni o chiassosi.
Vicino, nella caserma, la tromba che stride
separa il tramonto dalla notte stellata.
Languidi i matti danzano e cantano fra le inferriate.
Alleluia! Alleluia! Oltre la piet 
l'ordine del mondo risplende come una spada.
E il vento del mare oceano riempie i miei occhi di lacrime.

* * *

PROMONT RIO

Sempre busquei a profusão das chuvas
e celebrei o excesso.

A porta que se abre   claridade do relâmpago
divide o dia em partes desiguais.
Mas entre a luz e a sombra há um espaço
onde o sonho e a vida acordada se juntam como dois corpos
separados das almas desunidas.

É a este lugar que retorno
quando a chuva cai em Maceió e derruba as folhas
dos cajueiros floridos.
Os goiamuns inquietos percebem nas locas a altera o do mundo
que oscila entre a lama e as raízes dos mangues
como duas cores do arco- ris.

Berço de tanajuras, pátria ameaçada pelo trovão,
dunas son mbulas que só caminham   noite,
mar que umedece os lábios rachados da areia,
vento que dilacera o promontório,
longe de v s serei um exilado.

PROMONTORIO

Ho sempre cercato la profusione delle piogge
e celebrato l'eccesso.

La porta che si apre al chiarore del lampo
divide il giorno in parti disuguali.
Ma fra la luce e l'ombra c'è uno spazio
dove il sogno e la vita risvegliata si congiungono come due corpi
separati dalle anime divise.

È in questo luogo che ritorno
quando la pioggia cade a Maceió e abbatte le foglie
degli acagiù in fiore.

I *goiamuns* irrequieti percepiscono nelle tane l'alterazione del mondo
che oscilla fra il fango e le radici delle mangrovie
come due colori dell'arcobaleno.

Culla di *tanajuras*, patria minacciata dal tuono,
dune sonnambule che solo di notte camminano,
mare che inumidisce le labbra spaccate della sabbia,
vento che lacera il promontorio,
lontano da voi sarò un esiliato.